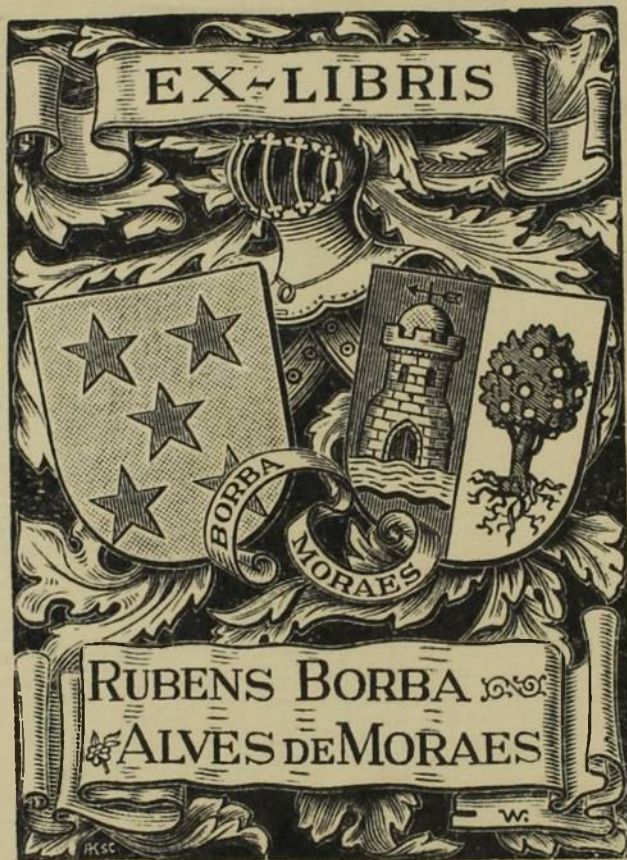
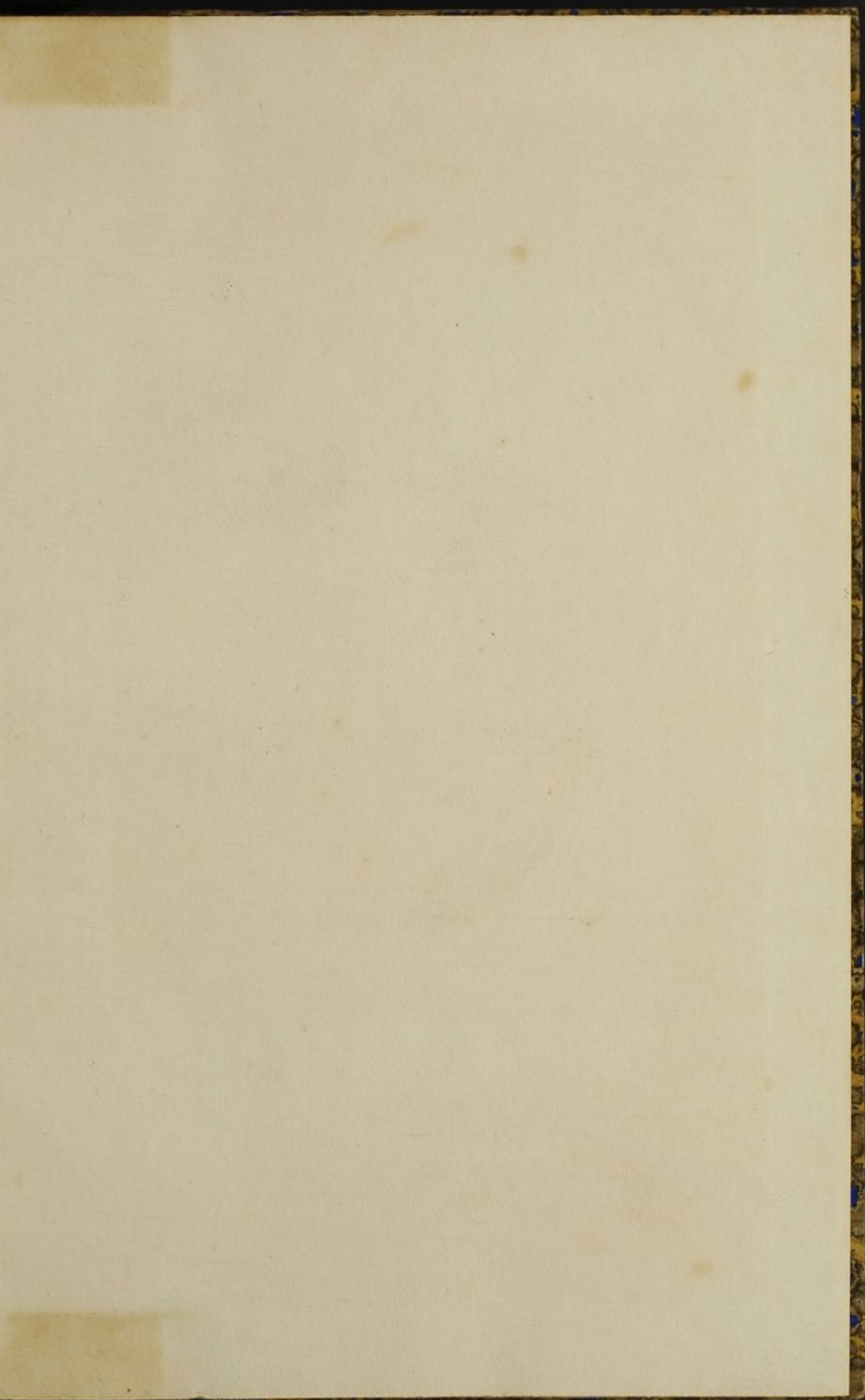
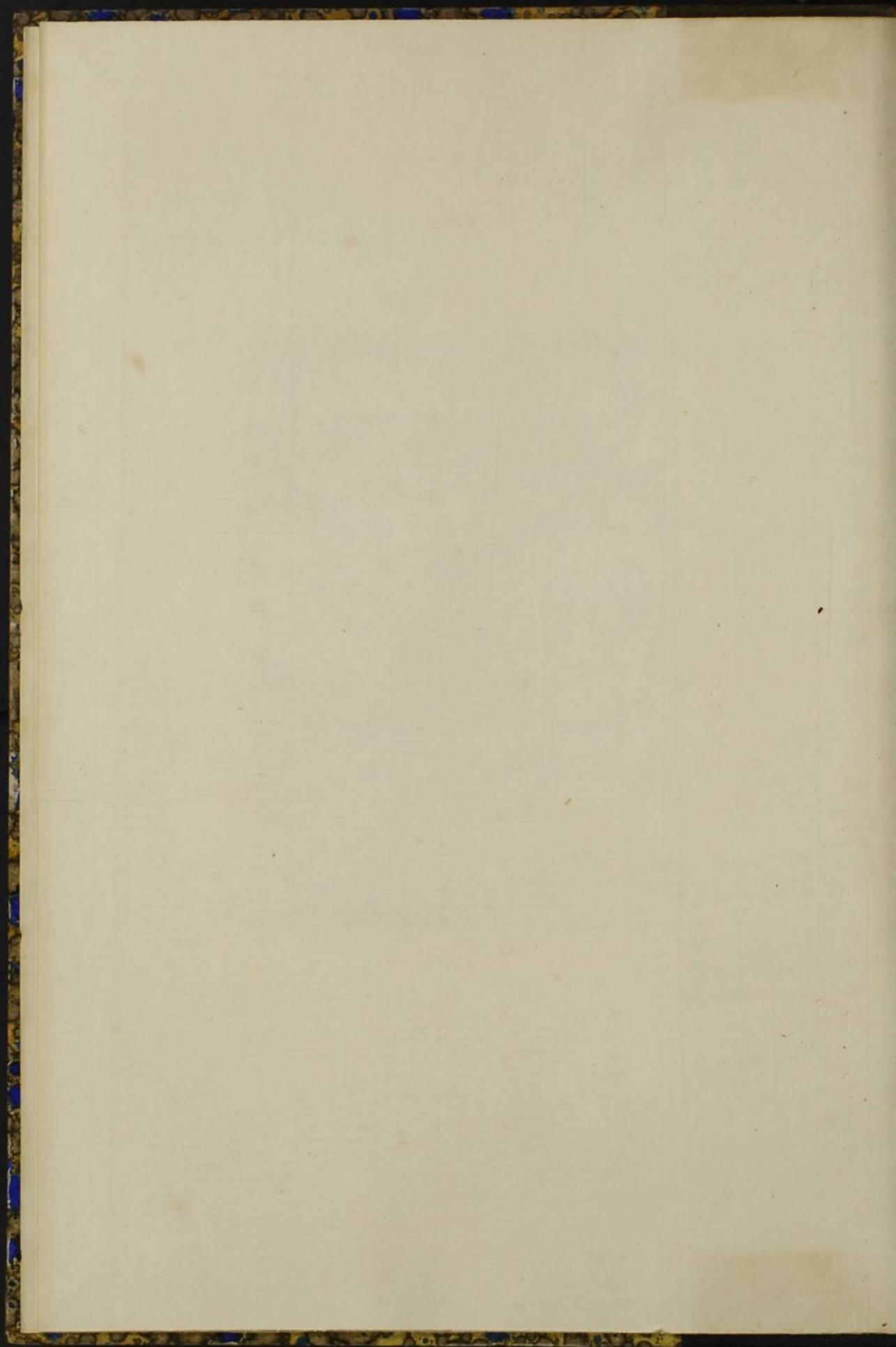
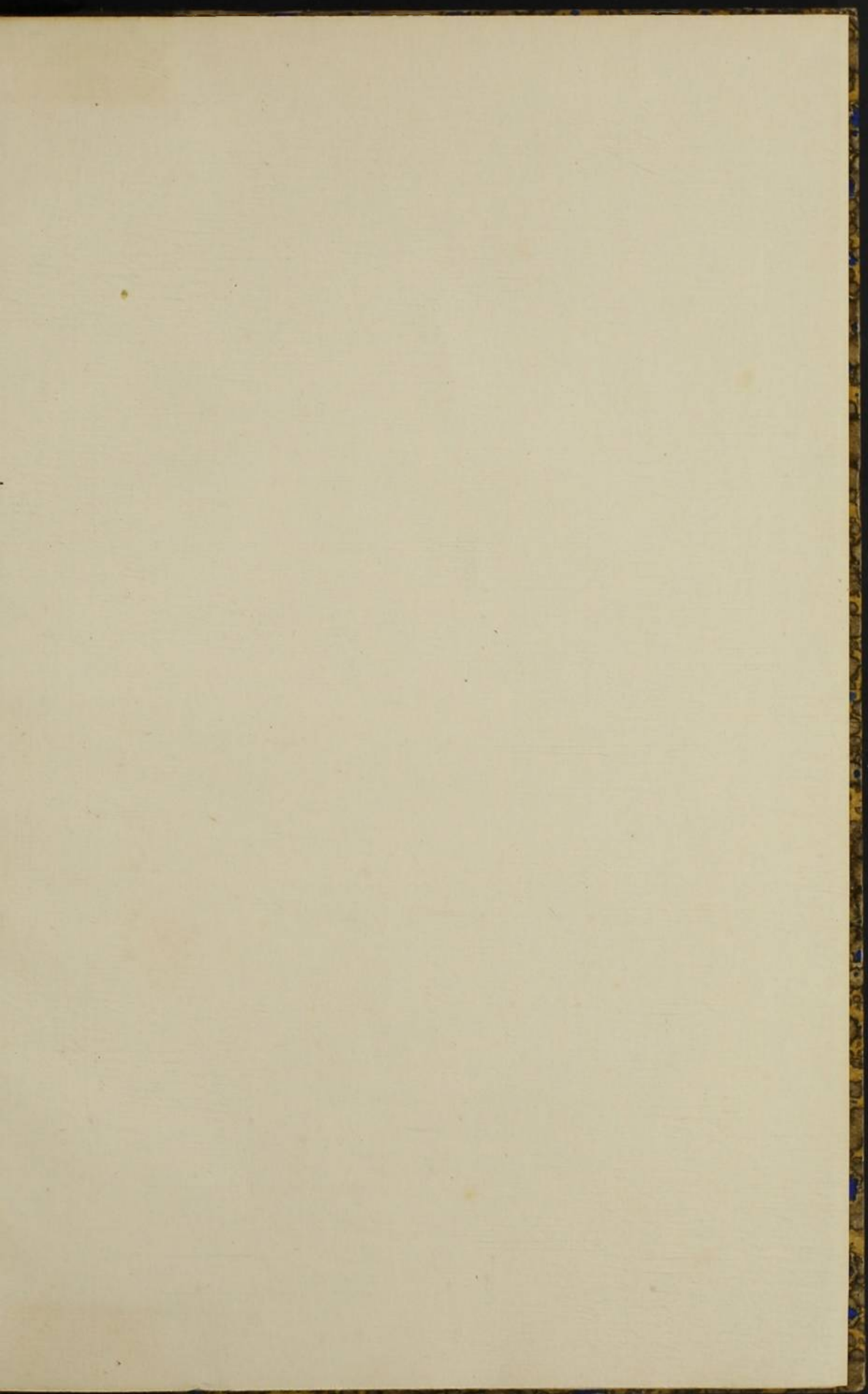


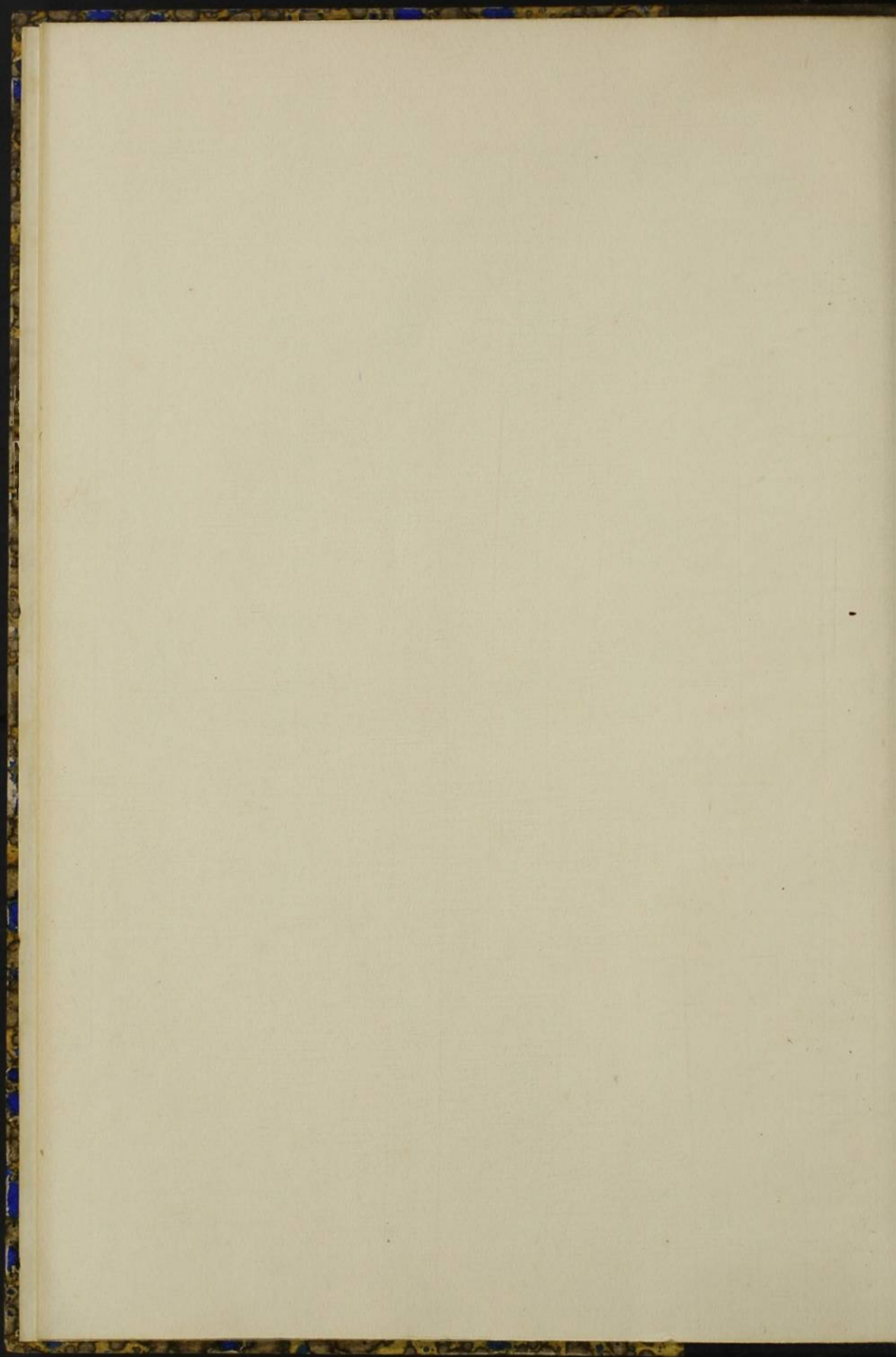


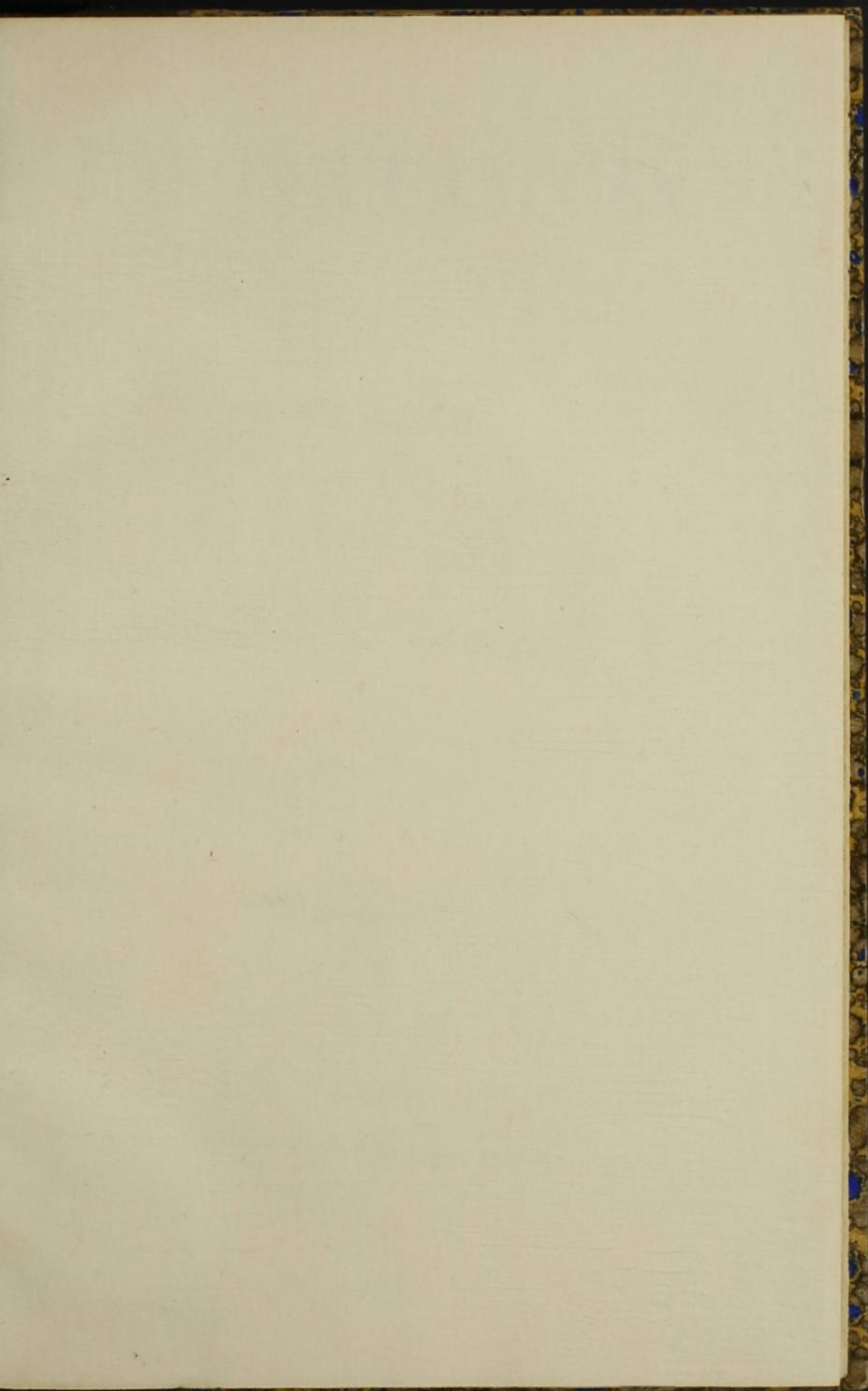


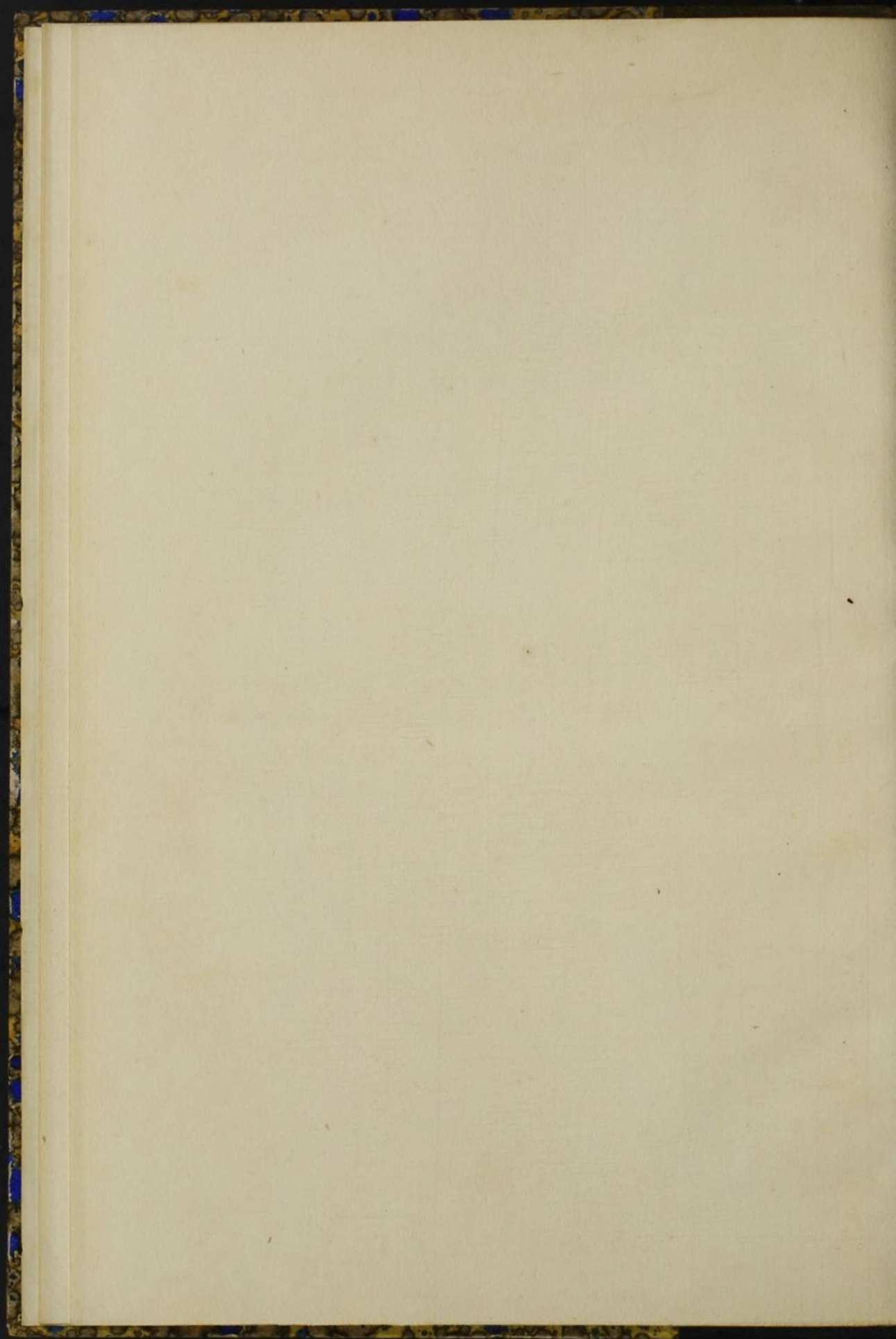












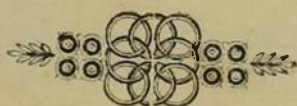
MINHAS CANÇÕES

,

POESIAS

DE

JOÃO SILVEIRA DE SOUZA.



SÃO PAULO.

TYPOGRAPHIA DO GOVERNO.—em Palacio.

1849.

WILLIAM L. LLOYD

WILLIAM L. LLOYD

WILLIAM L. LLOYD

WILLIAM L. LLOYD

WILLIAM L. LLOYD

WILLIAM L. LLOYD

São poucas linhas rythmadas,
Em pensamentos singellos —
Em doce eura entrelacadas
Elevando os cantos bellos!
N'um estylo bem primoso —
Da lyra o som marivoso
Executando os reus amores!
— Trazendo na fronte flores —
E no fim secretos do ris!
Que o author denuncia —
Bequena in da, que seja —
N'uma phrasa bem fusca —
Gravou — meiga poesia..!

MINHAS CANÇÕES

Gratia, Musa, tibi; nam tu solatia præbes.

OVIDIO.

THESE THINGS ARE NOT TO BE
FORGOTTEN.

MEOS AMIGOS.

Consagro-vos estas primeiras palidas flores de minh'alma. Algum dia —bem cedo— depois que entre nós houver soado a hora da despedida, sejam minhas canções mesquinhas uma lembrança que de mim vos falle ao coração; —com isso me contento.

Quanto aos mais —meu pobre livro— sem um nome de Dante ou Petrarcha na frente, forçoso te é correr triste fadario. Oh, si eu pudesse ao menos, como elles, estampar nas tuas paginas, em letras d'oiro, algum nome magico, a cuja sombra caminhasses ao futuro! . . . Mas não o tenho; —resigna-te pois a fluctuar por esse mar do mundo atôa e sem destino, como a gondola que o gondoleiro fizesse cahir nas agoas do Adriatico sem a protecção da *Madona*.—

S. Paulo 28 de Agosto de 1849.

A' MINHA TERRA.

I.

Como a fada voluptuosa,
Que sahe de um mar de vapores,
Das agoas se ergue formosa
A ilha dos meos amores.
Vêm alvas nuvens do céu,
A's vezes de um puro véo
Cingir-lhe a fronte elevada;
E' nessas horas mais bella,
Que a mais pudica donzella
De brancas flores c'reada.

II.

Tem aos pés linda bahia,
Espelho de anil, on prata,
Onde sempre, noite e dia,

Vaidosa as formas retrata;
Tem mil estrellas na esphêra,
Tem contínua primavera,
Tem um céu de puro azul
Onde o sol constante brilha :
E' a mais formosa ilha
Dos vastos mares do Sul.

III.

Ahi o raiar da aurora
Do oiro os raios imita,
Da tarde a ultima hora
Oh, quanta saudade excita !
As noites não têm negrumes,
Recendem todas perfumes
Das auras que sopra o mar ;
Oh quem me dêra já vel-as,
Ver um céu de mil estrellas
Outro céu n'agoa estampar !

IV.

Lá não ha primores d'arte ;
Porem ha da natureza
—Encantos por toda parte,
Por toda a parte belleza.
Lá nesse meo paraizo

Constante reina o sorriso,
Não ha tristeza nem magoas,
E' tudo graça e magia
Quer de noite quer de dia,
Na terra, no céo, nas agoas.

V.

Que dias bellos, risonhos,
Eu passei no seo regaço !
Quanto são hoje enfadonhos
Os que ausente della passo !
Dos olhos me corre o pranto,
Quando me lembro do encanto
Dessa manção d'innocencia !
Aqui só tenho pezares,
Tão longe dos patrios mares,
No meo desterro d'ausencia !

VI.

Aqui não vejo as marinhas,
As brancas flores mimosas,
Que nas patrias agoas minhas
S'embalão sempre viçosas.
Não vejo a espuma nevada,
Nem sobre as praias magoadas
Oíço a vaga murmurar:

Só vejo as ondas d'um rio,
Que correm sem murmurio,
Que morrem sem suspirar !

VII.

Aqui não vejo boiando
Mil aves á flor do mar,
Nem oiço o nauta cantando
Por noites d'almo luar.
Lá via bellas gaivotas,
Via os navios e frótas
Das nações do mundo inteiro,
Via o baixel, a falúa,
Ouvia ao clarão da lua,
Os cantos do marinheiro.

VIII.

O' minha terra natal,
O' berço da infancia minha,
Nas ondas não tens rival :
—E's do Atlantico a rainha !
Nas agoas ufana brilhas
Entre as mil florentes ilhas,
Que em torno de ti affagas,
Tens um cortejo brilhante,

Saúda-te o navegante
De lá do seio das vagas !

IX.

Bella filha Americana,
Flor das agoas do Brasil,
Tu dormes como a sultana
N'um fôfo divan d'anil.
Deo-te Deos ilha natal
Um magestoso canal,
Soberbo, vasto e profundo ;
Quiz te ver sempre innocente,
Distante do continente,
—Talvez—distante do mundo !

X.

Entre o céu que te engrinalda,
E o mar que a teos pés suspira,
És como a verde esmeralda
Entre o cristal e a saphira.
Não, tu não tens só primores
Do teo docel nos labores,
Nas ondas do teo divan;
Não resumes todo encanto
Da tarde no frôxo manto,
Nem no sorrir da manhã.

XI.

Sim, também tens mil campinas,
Mil tapetes de verdura,
Florestas, lagôs, collinas,
Ribeiros d'agoa tão pura !
Alem—na frente montanha
Tam gigantesca, tamanha
Que pelas nuvens s'esconde;
Ob, quanta belleza encerras,
Onde ha mais lindas serras,
Mais lindos valles, aonde ? !

XII.

E valles, serras e tudo
Ahi se arrêia de flores,
Que têm matiz de velludo,
Que têm do céu mil odôres !
São teos encantos sem fim,
Tu és de Flora o jardim,
Es de Pomona o disvélo;
Es, ó ilha, um panorama,
De tudo o que o céu derrama,
—Que o mundo—tem de mais bello !

XIII.

Taes e tantas maravilhas,

São comtudo menos bellas,
Que as tuas formosas filhas,
As tuas filhas singellas !
São ellas anjos ou fadas,
Ou as hurís encantadas
Do Elysio céu do Propheta ? ! —
Oh, que formas peregrinas,
Que faces puras, divinas,
Para as canções d'um poeta !

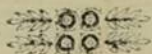
XIV.

Sim conservo 'inda lembranças
Das minhas patrias hurís;
Que negras, que longas tranças !
Que negros olhos gentís !
Oh, que tez de neve e rozas !
Virgens assim tão formosas
Não, não ha n'Andaluzia.
Dos labios quando ellas fallão,
Oh, quanto perfume exhalão,
Quanto amor, quanta poesia !

XV.

Oh, quem me déra já vel-as,
Minhas hurís, meos amores,
As minhas claras estrellas,

Minhas collinas e flores !
Ver o meo sol, minha lua,
Ver o baixel, a falua,
Ouvir o nauta cantar;
Ver raiar a minh'aurora,
Ver em fim a toda a hora,
Minha terra, céos, e mar !



FEITO À

E OFFERECIDA A UM AMIGO.

Teos lindos cabellos mais negros que o ebano
Si os visse, donzella, co'as auras brincar,
Depois me fugisses não sei si quizera
Por mais um momento com vida ficar.

Teos olhos brilhantes que a luz das estrellas,
Que á noite fulgurão, não pode apagar,
Si a furto os colhesse nós meus embebidos,
Depois desse instante pudéra acabar.

Si acaso me desses n'um riso dos labios
Por curtos momentos o céu contemplar,
Morresse ou vivesse bem pouco importára
Depois de ventura tamanha gozar !

Teos seíos que eu sinto com tanta volúpia
Debaixo das roupas de neve saltar,
Si um genio de amores viésse a meos olhos
O véo que os occulta invisivel rasgar.

Não sei que sentíra, não sei que fizéra,
Sei só qu'inda menos me pode matar;
Morresse ou vivesse tambem qu'importára
Depois de venturas do Elisio gozar !

Mas eu que não vi-te co'as tranças esparsas,
Nem déste-me ainda um sorriso, um olhar,
Que apenas concebo na mente o que podem
As roupas de neve em teo seio occultar:

Não vivo, nem morro, vegeto somente,
Soffrendo e penando n'um triste sonhar;
Nem tenho esperanças de ao menos um dia,
Meo anjo, em teos braços do sonho acordar !



MEU BARCO.

Pelo mar bonançoso fluctua,
 Meo barco gentil,
Tens nas agoas um leito de rozas,
Tens os raios prateados da lua,
 E um céu cor d'anil.

Desprende tuas azas, tuas velas formosas,
 Não temas parcel,
A face das ondas—apenas a brisa
Nocturna desflora, eia—avante—deslisa,
 Meo lindo baixel !

No plaino das agoas sem medo navega,
 Es— ave do mar,
Tu sabes, meo barco, zombar da refega,
 Das vagas zombar.

E quando o vento cabir
Cortarás uma por uma
As vagas brancas d'espuma
No teu costado a bramir.



A FILHA DOS MEOS SONHOS.

Sonho d'alma em noite melancholica,

Visão da madrugada,

.....
—M. LEAL.—

Eu a vejo sempre, reclinada a fronte,
Pensativa a scismar triste e sem cores,
Candida e bella a filha dos meos sonhos
A celeste visão dos meos amores.

Tremem-lhe ás vezes sobre o véo castanho
Dos longos cilios de setim luzente
Aljofares do céu, qual treme o orvalho
Das alvas folhas de uma flor pendente.

Vejo-lhe as formas d'anjo, e as faces lindas:
Onde as vejo não sei;—n'um mundo aerio!
E' sua patria talvez um céu phantastico
E o seo nome é p'ra mim tambem misterio!

Crearão-n'a os meus sonhos melancholica,
Sempre e sempre em silêncio, em magoa e prantos
Cobre-lhe a fronte bella um véo d'angustias,
E eu não posso trocal-o em véo d'encantos !

Vejo ás vezes em fio ardentes lagrimas
Rorejarem-lhe a tez—em balde as vejo,
Não a posso abraçar, si a busco fogue-me,
Não posso as faces lhe enxugar co'um beijo !

E pois corre tambem meu pranto esteril,
Quando contemplo assim entre amargores,
Candida e bella a filha dos meus sonhos,
A celeste visão dos meus amores.

Dá-lhe existencia o meo sonhar, contemplo-a
Sempre e sempre atravez de um véo tristonho;
Não lh'o posso doirar, seo fado é esse,
Sem matal-a e tambem matar meo sonho.

Oh, muitas vezes lhe pergunto afflicto,
Porque desmaias linda flor tão cedo ?
Virgem meos sonhos te creárão, e bella
Nunca amaste—eu o sei, nem tens segredo !

E sempre e sempre a interrogal-a em balde,

Não me diz seo penar, nem seos martirios,
Não me responde e sempre muda e triste
Vejo a filha ideal dos meos delirios.

Oh, que eu não possa dar-te a voz co'um beijo!
Trocar-te em risos do martirio a palma!
Comtigo a vida repartir no mundo,
Minha pura vizão, meo sonho d'alma.



MEOS TRES DESEJOS.

Si as tuas faces mimosas,
Eu vejo quaes lindas rosas
Por entre alvuras da neve,
Perdoa, ó virgem, desejo,
Furtivo, tímido beijo
Sobre ellas poisar de leve.

Si vejo os teos languos olhos,
Que deixão lér sem refolhos
Na tua alma innocentinha,
Desejo vel-os erguidos,
E sempre, sempre embebidos
Por entre as fragoas da minha.

E quando em sonhos doirados,
Nos teos labios encantados,
Eu vejo sorrir-me a sorte,
Quero eterno o teu sorriso
Seja-me embora preciso
Trocar-se meo sonho em morte.

No Album de uma Senhora.

Corre-te a vida como a nuvem limpida
 Que deslisa na esphera,
 Ou como um sonho a retratar do Elysio
 A eterna primavera.

Sempre assim correrá, nem te arreceis
 D'erguer-lhe o branco véo,
 A vida é sempre um sonho de venturas
 Para as virgens do céu.

Pura e brilhante como a estrella d'alva,
 Como um lyrio singella,
 E' teu fado luzir, verter perfumes,
 O' candida donzella;

Sonha portanto, que o teu sonho, ó virgem,
 Será sempre um sorriso.
 Até que um dia acordarás nos braços
 De Deos no paraizo.



ELLA.

Era ella o meo Deos, meo céo, minh'alma
Minh'estrella de amor que nas tormentas,
Da vida me brilhava.

Quantas vezes, meo Deos, pedi-lhe um riso,
Que nos ermos do mundo me apontasse
Da ventura o trilho!

Era o meo anjo, o seraphim sem mancha,
Que em sonhos d'ouro retractei mil vezes,
Alem—no meo futuro.

Consagrei-lhe as canções da lyra triste,
Colloquei-a no Elysio entre os archanjos
A sorrir com elles.

No meo sonho a julguei dos céos a inveja,
E comigo pensei—não póde a terra,
O' virgem possuir-te.

Has-de em breve talvez—disse eu magoado,
Sobre as azas subtís de um chôro d'anjos
Transportar-te ao Empyreo !. . .

Mas o encanto quebrou-se ! eu vi bem cedo
Meo anjo decahir, a flor manchar-se,
Perder os seos perfumes !
Melancholico então deixei de amal-a,
Mas não pude'inda assim negar-lhe a extrema
Endeixa da saudade ;

E cantei :—ó virgem bella,
O' meo anjo peregrino,
Julguei ligado na terra
Meo destino ao teu destino.

Teo seio candido e puro
Qual branca flor em botão,
Que genio do mal rasgou-te,
Foi manchar-te o coração ?

O' fada, fada mimosa,
Que me doiravas a vida,
Porque tão cedo quebraste
A minh'illusão querida !

Vivia—em sonhos contigo,
Em sonhos do paraizo,
Que me esquecia do mundo
Quando esperava um teu riso.

Dos teos labios esperei-o.
O' triste perdida esp'rança
Hoje—só do encanto delles
Me punge n'alma a lembrança !—

Na face da argentea lua,
Da tarde no véo sombrio,
Nas flores que desbroxavão,
No terno gemer do rio,

Via teo rosto formoso,
Via-te a côr das madeixas,
Via o riso dos teos labios,
Ouvia-te as dôces queixas !. . .

Oh, já que tudo foi sonho,
Dá, meo Deos, que eu sonhe ainda ;
Ver assim manchada agora
A virgem que eu vi tam linda !

E a lyra emmudeceo-me, e os sons quebrados
Nos ares se perdêrão ;
Longas horas gemí, minh'alma em pranto
Amargo converteo-se.

Hoje descrido o coração nem sente,
Nem já liba o nectar,
Que esparje o tempo no scismar saudoso
De amores já passados ;
Só lá no divagar da mente—às vezes
Dessa quadra de então lembrança esteril
Vem por elle roçar, e as fibras mortas
Nem siquer lhe agita.



SONETO.

A estrella mais formosa em noite escura
Pela esphera espalhando os seos fulgores,
Tintas aerias que matisão flores
Ao raiar de manhã serena, e pura ;

De uma harpa d'anjos a ideal doçura
Em celestes canções vertendo amores,
Da gentil primavera os mil primores,
Quanto a mente arrebatada, e o estro apura,

No occazo a nuvem pelo sol doirada,
O diaphano azul d'um céo d'Agosto,
Purpurea roza inda em botão feixada,

Vences nos olhos, no fallar, no rosto,
Nos labios e na trança ! és mais que fada,
E's mais que um anjo, és divinal composto !



MEDITAÇÃO.

I.

O' tarde, ó bella tarde, ó meos amores,
Mãe da meditação, meo doce encanto!

G. DIAS.

Morreo além o sol ; da tarde as sombras
Já desdobrão seo véo ;
Já do crepusc'lo as desmaiadas flores
Vêm brotando no céo.

Eil-os agora entre as cinzentas nuvens,
Lá nos longes aerios,
A noite e o dia em face, ambos suspensos
Entre os dois hemispherios.

Hora extrema da tarde, hora solemne
De santa inspiração !

Desce das nuvens, vem do céu co'as azas
Roçar-me o coração !

Vem tristonha irmã d'aurora,
Sobre minh'alma que chora
Estende teu puro véo ;
O pranto della desterra,
Que eu seja triste na terra,
Mas como tu lá no céu.

Venha a rôxa saudade, ó tarde amena,
Das orlas do teu manto,
N'alma avivar-me do passado as flores,
Mas sem dôr, e sem pranto.

Quero ahí contempal-as melancholico,
Mas sem fel na lembrança ;
Quero-as ver vicejar entre essas outras,
Que ha plantado a esperança.

Oh, sim ! que á sombra das pendentes franjas
Desse teu manto puro,
Tambem convidas a sonhar, ó tarde,
E a crer no futuro !

Vem ó tarde, ó meos amores,
As tuas mimosas flores
Sobre meo peito esparzir ;
Vem doirar-me, por piedade,
Do meo passado a saudade,
Os sonhos do meo porvir.

II.

.....
àtravés le voile coloré par le crépuscule
d'automne, la lune montre son visage
triste et livide comme la mort,.....
H. HEINE.

Eil-a fronteira se alevanta a lua,
Melancholica e bella !
Surge despida e núa; vem sem raios
Como virgem singella.

Quem te não preza, ó lua, quem não ama
Teo morbido clarão !
Tua frôxa pallidez me encanta os olhos,
Me falla ao coração.

E's meo astro amoroso, compassiva
Escutas minhas magoas ;
Dás-me um sorriso quando triste ás vezes
Vou mirar-te nas agoas.

Eu te amo, ó lua, que és tu só qu'entendes
De minh'alma o soffrer ;
Oh, bem vezes hei visto o teu semblante
Por mim se enternecer !

Amo-te ainda por que és tu que affagas,
No chão do cemiterio,
Do amor mais sancto os restos envolvidos
Da campa no misterio.

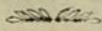
Entre os funereos goivos, que eu plantára
Sobre a loisa materna,
Quantas vezes não vi teos frêxos raios
De luz chorosa e terna !

Sim, choravas comigo entre os emblemas
De morte e solidão ;
Tu lhe déste do céu teu pranto, eu lagrimas
Lhe dei do coração.

Quanta saudade, ó lua, quanta magoa
Não despertas em mim !
Mas tu choras comigo, é força amar-te,
E amar-te sem fim.

Vem pois, ó lua argentina
Com tua luz peregrina
Bafejar meo coração ;
Quero os amores fruir
De teo puro, almo luzir,
Do teo divino clarão.

Tua luz do céu repouza
De minha mãe sobre a loisa,
Sobre seo peito já frio;
Vailevar-lhe entre os cyprestes,
Desses teos raios celestes
O mais triste, o mais sombrio.



Sonho e Realidade.

Sonhar, sonhar ! que a vida esvâe-se em sonhos.
DR. F. OCTAVIANO.

Eu sonhára uma virgem formosa,
Innocente, pudíca, e singella,
Que escutando os meos votos d'amal-a
De rubor se tornasse mais bella.

Era um anjo que eu via em meo sonho ;
Nos meos labios a voz se prendia,
No meo peito sagrava-lhe um templo
Em segredo—nem ella o sabia.

Profanal-a ! dizia, ó meo Deos,
Nunca, nunca, melhor é morrer ;
Oh, meo anjo se abrir-te minh'alma
Has-de os olhos á terra volver.

Ha de o seio bater-te com força,
 Rubra côr ha-de as faces tingir-te ;
 Não, não quero tisonhar-te a candura,
 E's tão bella—innocente a sorrir-te !—

Eis bem cêdo julguei sobre a terra
 Têl-a achado,—não sei que senti ;
 Sei sómente que disse—é tão linda !
 Eis o anjo, que em sonhos eu vi.

E minh'alma não pude esconder-lhe
 Que o silencio meo peito quebrava,
 E confuso cheguei-me ao pé della,
 Pude a custo dizer-lhe que a amava !..

Mas a linda visão m'illudira,
 Tinha d'anjo os contornos somente;
 Não, não era qual vira em meo sonho,
 Virgem pura, singella, innocente !...

Sonha, sonha por tanto, ó minh'alma,
 Nem te acorde a illusão da existencia;
 Ja que apenas em sonhos te é dado,
 Ver teo anjo ideal de innocencia.



SUPPLICA.

M'enivrer de cet air que ta bouche respire.
Et te contempler à genoux!
L. ARBEY.

Perdoa-me, anjo meo, s'ind'algun dia,
Em extasis de amor, perdido o siso,
As tuas plantas me arrojear, pedindo-te
De joelhos um riso.

Não me maldigas, si em febril arroubo
Cedendo ao impulso de fatal desejo,
Manchar-te os lirios do pudor, nos labios
Imprimindo-te um beijo.

Não me maldigas, por piedade, ó virgem;
Si é isso um crime, si é mister qu'eu morra,
Venhão do mundo as maldições, o opprobrio,
E de Tasso a masmorra.

Sim, não venhão de ti; qu'importa o mundo ;
Entre anathemas seos feliz morrêra;
Oh, que eu não possa possuir mil vidas!
Em beijar-te as perdêra.

Vales mais para mim que mil princezas,
Mil poetas como eu não valem Tasso;
Mas ah, tanta paixão não lucra um beijo,
Não desculpa um abraço?

Amo-te, adoro-te, anjo meo, teo rosto
E' meo unico Deos; teo nome aerio
Minha unica voz; os teos encantos
Meo unico misterio!

Oh, si te adoro! para mim teos labios
São mais sagrados que reliquias sanctas;
Mas ah, perco a razão, cahirei um dia
Prostrado ás tuas plantas!

Não maldigas-me então; fôra impiedade;
Deixa meo anjo, que a teos pés. . . sem fallas
Me embriague de amor, respire ao menos
O perfume que exhalas!



O SOL.

Elle mandou que o sol fosse principio,
E razão da existencia,
Que fosse a luz dos homens—olho eterno
Da sua providencia.
G. DIAS.

Um similhando
Um cyrio acceso pela mão dos seculos.
RODRIGUES SILVA.

Cyrio imenso de luz, nos ceos imperas
N'um throno d'oiro e de abrazadas chamma;
O infinito poder de um Deos attestas,
E por todo o universo—alem proclamas!

No solio acceso á creação presides,
Dás vida e luz n'um dia a todo o mundo;
Fôra a terra sem ti amplo deserto,
E o vasto Oceano fôra um cahos profundo!

MEOS NOVOS AMORES.

Vai donzella ofertar teos sorrisos
A quem delles implore a ternura,
Dos teos labios nem d'outros ja pendem
Os meos sonhos de amor e ventura.

Teos olhares consagra-os ao outrem
Que sobre elles mendigue esperanças;
Reneguei dos amores do mundo,
Do passado nem quero lembranças.

Es formosa conheço, e no rosto
Es a imagem d'um anjo celeste;
Mas qu'importa? não posso pagar-te
Esse olhar e o sorrir que me déste.

Ah, tu choras e os olhos em lagrimas
Inda cravas a furto nos meos?
Pois não basta que eu diga que és bella,
Que és no mundo o reflexo de Deos!

Que se acaso por entes da terra
Eu pudesse inda amores sentir,
Por ti só virgem pura eu quizera
Me esquecer do passado e porvir!

Mas não posso donzella, minha alma
Para a terra de á muito morreu,
Quero agora somente os olhares,
Os sorrisos de um astro do céu.

Amo agora a sultana das noites,
A princeza do azul firmamento,
Quer a veja na esphera sem nuvens,
Quer nas sombras de um veu nevoento.

Amo a Venus brilhante engraçada
Que ali vês a luzir no poente;
Nos seus raios me envia ternuras
E seu riso do céu nunca mento.

MEOS NOVOS AMORES.

Vai donzella offertar teos sorrisos
A quem delles implore a ternura,
Dos teos labios nem d'outros ja pendem
Os meos sonhos de amor e ventura.

Teos olhares consagra-os ao outrem
Que sobre elles mendigue esperanças;
Reneguei dos amores do mundo,
Do passado nem quero lembranças.

Es formosa conheço, e no rosto
Es a imagem d'um anjo celeste;
Mas qu'importa? não posso pagar-te
Esse olhar e o sorrir que me déste.

Ab, tu choras e os olhos em lagrimas
Inda cravas a furto nos meos?
Pois não basta que eu diga que és bella,
Que és no mundo o reflexo de Deos!

Que se acaso por entes da terra
Eu pudesse inda amores sentir,
Por ti só virgem pura eu quizera
Me esquecer do passado e porvir!

Mas não posso donzella, minha alma
Para a terra de á muito morreu,
Quero agora somente os olhares,
Os sorrisos de um astro do céu.

Amo agora a sultana das noites,
A princeza do azul firmamento,
Quer a veja na esphera sem nuvens,
Quer nas sombras de um veu nevoento.

Amo a Venus brilhante engraçada
Que ali vês a luzir no poente;
Nos seus raios me envia ternuras
E seu riso do céu nunca mente,

Sim, não quero donzella, em meo peito
Mais affectos do mundo nutrir;
Por que os astros da terra não podem
Com sorrisos do céu me sorrir.

Eil-a reelina-se em coxins de perola
No occaso a estrella minha;
Quanto é formosa, inda ao morrer se ostenta
Da abobada rainha!

Alfim de todo se escondeo, silencio!
Repoise no seo leito;
Volte a noite e de novo aos seus reflexos
Virei abrir meo peito.

É longo o teo dormir, silphide acria,
Accorda-te mais cedo;
Quero mais horas contemplar-te as graças,
Contar-te algum segredo.



MEO ULTIMO DESEJO, E MEO ULTIMO
—CONSELHO.—

To dee,—to sleen—no more...
—HAMLET.—

Que valem prantos, do que servem lagrimas,
Que olhos sentidos vão depôr na campa,
Si a loisa é muda, si os não sente ao menos,
Si é falso o choro dos que lá prantêião,
E o sopro da morte osgela e some ? !
Que importa o soluçar d'alma que geme
Sobre as cinzas d'aquelle, a quem na terra
Um dia apenas c'o sorrir nos labios,
Mentiroso ainda assim, durante a vida
Por acaso encontrou?

Sim, não quero donzella, em meo peito
Mais affectos do mundo nutrir;
Por que os astros da terra não podem
Com sorrisos do céu me sorrir.

Eil-a reclina-se em coxins de perola
No occaso a estrella minha;
Quanto é formosa, inda ao morrer se ostenta
Da abobada rainha!

Alfim de todo se escondeo, silencio!
Repoise no seo leito;
Volte a noite e de novo aos seos rellexos
Virei abrir meo peito.

E longo o teo dormir, silphide aeria,
Accorda-te mais cedo;
Quero mais horas contemplar-te as graças,
Contar-te algum segredo.



MEO ULTIMO DESEJO, E MEO ULTIMO
—CONSELHO.—

To dee,—to sleen—no more...
—HAMLET.—

Que valem prantos, do que servem lagrimas,
Que olhos sentidos vão depôr na campa,
Si a loisa é muda, si os não sente ao menos,
Si é falso o choro dos que lá prantêião,
E o sopro da morte osgela e some ? !
Que importa o soluçar d'alma que geme
Sobre as cinzas d'aquelle, a quem na terra
Um dia apenas c'o sorrir nos labios,
Mentiroso ainda assim, durante a vida
Por acaso encontrou?

TEOS CABELLOS.

Os teos formosos cabellos,
O' virgem, donde os houveste?
Formou-te Deos a madeixa
D' alguma nuvem celeste?

Em que céu as ha tam bellas
E da cor da trança tua?
Acaso um anjo a colheo
Alem do Sol, ou da lua?

Nesta esphera azul brilhante,
Neste céu que alcança a vista
O frôxo manto da tarde
Só as tem cor de amethista.

Ha só negras e bem negras
Da noite no escuro véo,
São d'ouro as nuvens d'aurora
Nesta esphera, neste céu.

Quem a não crêra do Elisio
Vendo, ó anjo, a trança tua,
Quando em teu collo de neve
Em frôxos anneis fluctua?!

Nossos céos e nossa esphera
Não tem a côr que a colora,
Não ha no manto da noite,
No véo da tarde, ou d'aurora.

Não são madeixas doiradas,
Tambem negras não são ellas,
Nem são da côr do crepusc'lo,
São, meo Deos, inda mais bellas!

Que nome tem d'onde houveste
As cores da trança tua?
Serão as cores aerias
D'alem do sol ou da lua?

Serão talvez;—mas o nome
 Dos magos cabellos teos,
 Ninguém o sabe no mundo
 Só lá no céu sabe Deos!

Não são castanhos—na terra
 Dessa cor os ha bastantes;
 Quem já vio aqui tão bellos,
 Quem os verá tão brilhantes?!

Oh que brilho indefinivel,
 Oh, que celeste condão,
 Que infunde n'alma a poesia,
 No peito accende a paixão!

Ha quem não morra d'amores
 Vendo, o anjo, a trança tua,
 Quando em teu collo de neve
 Em longos anneis fluctua? !

Oh, não soltes teos cabellos
 Sobre o collo ao pe de mim;
 Quero viver para amal-os
 E morro si os vejo assim!



UMA NOITE NA PONTE DO ACU'.

Mais si cette image qui passe
Ne laisse gravé sur sa trace
Que le rayon d'un souvenir,
..... je te benis encore
.....

M. DE FOGÈRES.

Era alta noite—a lua desmaiada
Merencorio clarão vertia apenas;
Era toda mudez, socego e calma
 A terra adormecida;
Só lá de quando em quando entre soluços
Frôxas auras subtis, quebrando a custo
 O placido silencio,
Vinhão tristes gemer sobre a folhagem
 Das proximas palmeiras,
Que apenas meneiavão.

Melancholicos ais'inda mais debeis
 Compassado ajuntava aos sons da brisa
 O timido ribeiro:
 E d'uma e d'outro o suspirar sentido
 Me filtrava no peito amarga e dôce
 Lembrança do passado.

A sós na solidão da noite amiga,
 Por entre um véo de mysticos vapores
 Que ás estrellas do céu dobrava encantos
 Nas alturas do Empyrio eu contemplava
 Sobre a face gentil da linda Venus
 O rosto d'uma virgem.
 Scismava eu n'ella, o coração saudoso
 Revolvía e compunha—embalde—os sonhos
 Que outrora alimentei, que ella tão cedo
 Ao nada arremessára:
 Pouco distava de scismar tam fundo
 A extasi ou deliquio!

Veio d'elle de subito acordar-me
 Mal distincto vibrar de voz angelica,
 Suave e peregrina
 Quaes harmonicos sons d'uma harpa colia
 Descantando ao longe.

A fronte que até 'li poisava triste
No braço curvo contra a lage immovel
Extatico alevanto—
Venus formosa na amplidão da esphera
Perdida abandonei, da noite a aragem,
O pausado carpir da limpha pura,
Que ao lado murmurava,
Tudo, tudo esqueci, prendeo-me os olhos,
A alma arrebatou-me
Phantastica visão que eu via ao longe
Em meio dos vapores.

Alva roupa trajava—e duvidosas
Entre as sombras da nevôa, aerias formas
Apenas distinguia;
Era o meo anjo, o coração presago
Ao longe advinhou-o!
Em breve qual a imagem fugitiva
De nivea fada em hora segredeira
De mago encantamento,
Ou qual anjo do céu que foge a terra
A descansar no exilio
De manções aerias
Em silencio passou; senti confuso
Toda em meo peito nesse instante a vida
Converter-se em paixão!

Diadema de luz, candida aureola
 A fronte lhe cingia;
 Ao mortico clarão da opaca lua
 Rutilava—lhe a trança—avelludada
 Entre o ebano, e o oiro
 Qual da tarde o crepusculo melancholico
 Entre as galas da aurora e o véo da noite.
 Tinha pallida a tez, morbida—e langues
 Cor da trança os olhos;
 Tinha mago descor nos finos labios,
 Que exhalavão puros
 Balsamicos aromas.
 Cri-a dos ceos um ente misterioso
 Na limpida passagem!

Foi solemne esse instante; inda hoje sinto
 O relegioso enleio,
 Qu'infundio-me n'alma.
 Curto foi elle; qual n'um sonho vago
 Idéia feiticeira,
 Ou qual astro do céu qu'empallidece
 Nas abas do horisonte,
 Eu a vi pouco e pouco ir desmaiando
 A esmorecer no cimo
 Da ladeira proxima.

Mas lá d'espço a espço a frõxa lua
Com seos raios de luz rasgando o manto
A' noite nebulosa
Lhe estampava o gentil contorno aerio
Nas cores do poente:
Era estatua de neve desenhada
Em campo de saphira!
E pude ainda, ao raio derradeiro
Do astro bemfazejo,
Na pedra ajoelhado
Mandar-lhe o extremo adeos—alfim sumio-se,
Fugio-me para sempre!



OUTR'ORA E HOJE.

Já te quiz bem,
Eu não te nego,
Estava cego
Quando te quiz.
Si ora em teos olhos
Meos olhos ponho,
Eu me envergonho
Do mal que fiz.

SILVA ALVARENGA.

Quanto te amei!—meo coração de bardo,
Minha vida, meo ser, minh'alma ardente,
Meos dias, noites, meo futuro e sonhos,
Tudo, tudo a teos pés lançar, e nunca
Mulher, um teo olhar!...

Quanto te amei!—minhas canções doridas
Orvalhadas de pranto, amor sem termo:
—Poesia e paixão; um templo n'alma,
Incenso, adorações, mulher, votar-te
E nunca um teo sorriso!...

Oh, que me déste pois, formosa estatua,
Em paga d'um altar, do templo e incensos,
Que n'alma consagrei-te?!...

Era pouco reinar n'um peito apenas,
Não tinha eu nelle um throno d'ouro a dar-te,
Era d'uma alma o sanctuario estreito,
Tua imagem dentro não brilhava—occulta
Nas sombras do misterio!

Tudo, tudo calcaste aos pés, vaidosa,
Q'rias o incenso d'estudadas phrases,
O altar nos salões, no mundo o templo,
Q'rias em fim, qu'eu te dicesse em face.
—E's a bella das bellas!...

Opprobrio eterno ao coração gelado,
Que em lagrimas se nutre, e não conhece
O espaço immenso que vai d'alma aos labios,
Do requebro á paixão.

Oh, sim outrora, com vergonha o digo,
Era avistar-te e refluir-me ao peito

A existencia, a razão, a voz e tudo;
E zombavas então! . . . não comprehendeste.
Mulher sem coração, mulher sem alma,
Um amor de poeta!

Oh, zombaste, ainda bem! tuas loucas phrases
Vierão-me avivar no peito o orgulho,
Dentro d'alma acordar-me a consciencia!
Conheço-me hoje enfim, vejo a distancia,
Que medeia entre nós, eu t'o agradeço!

Quisesse eu me vingar! . . . mas não, prosegue.
Teos proprios idolos—os salões, o mundo—
Assás me vingarão.



O LIRIO.

A' sombra amiga de amoroso arbusto
Nas fragôas de uma rocha envolta em musgo
Nascera um lirio branco;

Flor melindrosa e bella em seo retiro
Nunca vio despontar risos d'aurora
Nem seo véo d'encantos,

Cresceo n'hastea voltada p'r'occidente
Melancholica flor regada apenas
Pelos prantos da tarde;

Quando o seo manto a noite misteriosa
Pela cu'pla dos céos desenrolava
Do horisonte palido,

Em triste solidão a flor pendida
Gota de orvalho humedecendo a pedra
Entornava do seio:

Não suspirava em dó pelos doirados
Raios puros dos sol ja posto á muito
Nem por cores do dia;

Lamentava no exilio o adeos extremo
Do crepusculo fugaz e lhe mandava
O pranto da saudade.

Era vel-a chorar na ausencia delle
E de amores morrer co'os seus sorrisos
De entre as nuvens do céu!

Mas veio um dia avesinha
Co'as suas azas doiradas
Meigas phrases namoradas
Sussurar de entorno della.

Dice qu'ella era o seo sonho;
Que só por ella vivia,
Que o crepusculo não sentia
Amores de flor tão bella.

Que o setim das brancas folhas
Em sonhos de amor já vira,
E os seos perfumes fruira
Nas azas puras de aragem.

Que tinha para brindal-a
Singellos, castos amores,
E as lindas mimosas cores
De sua regia plumagem.

Tremeo de susto a flor candida e bella
E de entre a niveas folhas tremulando
Cahio furtiva lagrima:

Apoz a medo as petalas desprendendo
Vio-lhe as cores gentis, brilhantes, d'oiro
Em campo de esmeralda.

Vaidosa a flor sorrio-se, e aberto o seio
Inconstante deixou libar-lhe o nectar
O beija-flor volúvel!

Mudão de amor n'um instante.
Tambem as flores da vida;
E' fado ser fementida,
Ser toda flor inconstante?!



NO ALBUM D'UM AMIGO.

Vertendo aromas o lírio
Cresce a margem da corrente,
Recolhe os beijos da aurora,
Mata-o logo o sol ardente;

Donosa brilha uma estrella
De noite no azul do céu,
Vem de repente uma nuvem
Envolve-a no escuro véo.

À tona do mar tranquillo
Resyala affeito o baixel,
Subito o mar s'enfurece
Lá se affunda n'um parcel.

Assim é tudo na vida,
O gozo bem pouco dura,
Nos labios curto sorriso,
No peito logo amargura.

Amores—sonho, chiméra!
É tudo, tudo illusão,
Tudo nos mente na vida,
Só não mente a morte, não.

Tudo esvác-se e fica apenas
Do que foi triste lembrança;
Tudo ! não, que não foge
Nunca do peito a esperança.

Oh, foge foge, tambem
Mimosa filha do céo;
Não morres, não, mas é tarde
Que já meo peito morreo.

Antes vasa teos perfumes
N'esta alma pura e singella,
Ahi tens um templo inda virgem,
E de um anjo a imagem bella.



SONETO.

Peixa, ó meo anjo, que a assucena pura
Exhale aromas envergonhe as flores,
Que as estrellas do céu com seos fulgores
Dêem brilhantes ao véo da noite escura;

Que a face azul do mar que além murmura
Desdobre o anil das transparentes cores,
Que ostentem céos e terra os seos primores,
Seos perfumes emfim toda a natura.

Não os invejes, não; por um só beijo
Por um languido olhar dos teos, donzella,
Natura, terra e céos trocar desejo.

Oh, teos olhos azues tem cor mais bella,
Sobre os teos labios cor de roza eu vejo
Mais doce aroma que na flor singella.



INNOCENTE!

Singella, pura innocencia,
Candida filha do céo.
SERPA.

I.

Es uma flor misteriosa,
Singella, pura e formosa
Como um lirio em primavéra.
Es um astro mais brilhante
Do que a estrella scintillante
Luzindo á noite na esphéra.

II.

Es mais bella qu'uma fada,
Tens a voz mais encantada,
Tens sobre a fronte mais luz;
Es um anjo, oh, como és linda!
Voarás aos céos ainda
Nas puras azas azues.

III.

Flor singella—tu não sentes
Das tuas folhas—pendentes
Aromas do paraíso?
Não vês que as auras te beijão,
E sempre em torno te adejão,
A supplicar-te um sorriso?

IV.

Estrella—fulgente e bella,
Teo brilho não te revela,
Que és astro puro do céu?
Que tens mais luz e poesia
Do que o sol ao meio dia,
Que a lua clara e sem véo?

V.

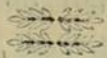
Fada—etherea formosura,
Dos teos olhos a luz pura
Tua patria não te diz?
Não te lembra ao pensamento
Teos dias de encantamento
N'algun doirado paiz?

VI.

Anjo emfim—teo rosto aerio
 Não te desvenda o misterio
 Da maçãõ onde nasceste ?
 Não te desperta iembranças,
 Nem te falla de esperanças,
 D'um mundo melhor do qu'este ?

VII.

Oh, como és pura e singella,
 Como te envolve, donzella,
 Da innocencia o branco véo !
 Anjo, fada, estrella e flor
 Não sentes da terra o amor,
 Não vês tua patria no céu !



A VIDA.

A vida é um sonho que veloz se apaga,
Como a nuvem no céu;
Encanta os olhos porque a doira as vezes
De luz um falso véo.

Mas quando como as nevoas d'alvorada
A venda se adelgaça,
Fogem cores do prisma e então sorvemos
Do amargor na taça.

E a vista embalde pelos céos infindos
Uma estrella procura,
Vê tudo em trevas e adiante a loisa
No chão da sepultura.

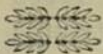
Quer-se a face voltar então—é tarde!
Um astro embaciado
Nos força a ler em lettra denegrida
O livro do passado.

Em vão intenta-se rasgar as folhas
Desse livro terrível,
Sella-o do tempo o irrevogavel cunho:
—Nem a Deos é possível!

É então que vemos que esta vida é sempre
Como a nuvem do céu,
Traz no seio a tormenta e fora veste-a
De luz um falso véo,

Qu'este sonho da terra embora ás vezes
Nos pareça risonho,
Troca-se em breve em pezadello horrível
Num phantasma medonho;

E mais a vista pelos céos se alonga
Em busca d'uma estrella,
Cança-se em balde—nem siquer lhe é dada
Esperança de vel-a!



O MEO SEGREDO.

Dentro do peito feixado,
 Bem guardado,
Tenho um misterio, um segredo,
Como a florinha nascida
 Escondida
Na folhagem do arvoredor.

É um misterio profundo,
 Que no mundo
Eu nunca dice, nem digo;
Ninguém jamais saberá,
 Morrerá
O meo segredo comigo,

Meo segredo é um nome aerio,
 Meo misterio
É um sonhar de esperanças,
Que muda em risos d'amores
 Minhas dores
—As minhas tristes lembranças.

Perguntai-o á vaga pura,
 Que murmura
 Sobre as areias do mar;
 Que o nome d'uma donzella
 Casta, e bella
 Se deve occulto guardar.

Ficará sempre guardado,
 Bem feichado
 Dentro do meo coração,
 Como a florinha nascida
 Escondida
 Nos ermos da solidão.

É um nome harmonioso,
 Mavioso
 Como uma nota do céu
 O nome que no meo peito,
 De respeito
 Eu trago occulto n'um véo.

É o nome bello, sonoro
 Da qu'adoro,
 Que me dá vida e poesia,
 É o nome d'um anjo puro
 Qu'eu figuro
 Nos meos sonhos noite e dia.

Perguntai á meiga brisa,
Que deslisa
Entre as folhas do arvoredor;
Por esse nome encantado
Qu'encerrado
Eu tenho n'alma em segredo.

Pois é misterio profundo,
Que no mundo
Eu nunca dice, nem digo,
E que ninguem saberá;
Morrerá
O meo segredo comigo.

Ide-o, sim, saber da aragem
Na folhagem,
Das ondas no suspirar;
Que o nome d'uma donzella
Como ella
Se deve occulto adorar.

Ou ide sabel-o antes
Das brilhantes
Estrellas puras do céo;
Pois não é nome da terra
O que encerra
Minha alma dentro d'um véo.



A.....

Invejão-te as flores
A cor transparente,
Estrella luzente
Do céu dos amores!
Quem vê teos primores,
E a têtz melindrosa
Da face mimosa
De candida neve,
Altars te deve
Do peito no fundo,
Incenços te paga,
Que és anjo que vaga
Na face do mundo!



OCEANO.**I.**

Confundes minha razão,
Oceano, quando medito
Nessa tua immensidão!
Nessa imagem do infinito !
Teo imperio não tem raias;
Mas porque sobre estas praias
Te vens quebrar e morrer?
Por que suspiras n'areia,
Que mão ahi te incadeia,
Que mão te excede em poder?...

II.

Estendes teu corpo enorme
Sobre dois terços do mundo;
Como o leão quando dorme
Tu dormes, ó mar profundo;
Sim dormindo inda ameaças,
Como uma preza inda abraças
O globo nos braços teos
Tens sobre as agoas um throno,
Do leão dormes o somno;
Mas acima de ti Deos.

III.

Sim, é Deos quem te agrilhôa.
Quem te humilha o collo ousado;
Contra quem raivas á tôa
Como o athleta maniatado.
Por que não cedes, ó louco!
Porque teu seio já rouco
Inda bates contra a terra?
Porque, ó mar, não recuas,
E as vencidas ondas tuas
Porq' inda teimão na guerra?

IV.

Titan das agoas—em vão
Contra teo Deos te rebellas,
Na arêia partir se vão
As montanhas qu'encastellas.
Quiz-te Deos fazer gigante,
Rei no poente e no levante,
E d'esde um pôlo a outro pólo;
Mas nas praias tambem quiz
Curvar-te a dura cerviz,
Quebrar-te o soberbo collo.

V.

Sim és rei!—como o leão
A tua juba sacodes,
Mas do rei da criação
A esphera invadir não podes.
Sobre as terras, Oceano,
Não podes ser soberano!
Grande, immenso como és,
Quiz a sabia Providencia
Que do rei da intelligencia
Viesses morrer aos pés.

VI.

Brame ao largo!—lá não morres!
Das tempestades em meio
Lá tens o throno—lá corres
N'um campo livre—sem freio.
Na immensidão lá dos mares
Solta a juba pelos ares,
Lá ninguém te dicta a lei;
Lá não tens praias nem morte
Lá sim dominas, és forte,
És um gigante, és um rei!

VII.

Lá és quasi omnipotente,
Desdobras teu manto azul
Desde o occaso ao Oriente
E desde o norte até o Sul!
Lá—no globo es o primeiro,
Lá tu trajas todo inteiro
Da esphera o brilhante véo;
Lá só Deos sobre as alturas,
Em baixo tu que murras,
Lá—samente agoas e céo!

VIII.

Mas contem-te em teos imperios.
Soberbo leão do mar;
Que sobre os dois hemispherios
Tens de sobra onde reinar!
Por que ao sol sobre o horisonte
Tu despes a regia fronte
Dos seos raios d'oiro e luz?
A lua sua cor de prata
Por que tremendo retrata
Nas tuas fragoas azues? !. .

IX

És, ó mar, um furioso,
Que d'ambição te atormentas;
Nas praias bates raivoso
E ás nuvens subir intentas.
Teo dominio ainda achas pouco,
Altivo Oceano!—és um louco!
Põe limite aos escarcéos,
Abaixa tuas altas serras;
—Tu vencido contra as terras
Ousas tentar contra os céos? !

Praia da Barra.—Santos Abril de 1849.



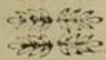
SONETO.

Minha quadra de amor serena, e pura,
Minha doce estação de flicidade,
Quão veloz me fugiste e sem piedade
Me trocaste o prazer pela amargura! . .

Findou-se a primavera da ventura!
Echodem pois meos ais na immensidade,
Sangrem meo coração dor e saudade,
E cedo irei baixando á sepultura!

Eu te amava, ó meo anjo, e não sabias!
Em silencio bebi vida a teu lado,
Em magica illusão me adormecias!

Foi um sonho do céu;—eil-o quebrado,
Nunca mais volverão tão bellos dias
—Não me queixo de ti, choro meo fado.



CORDAS

QUEBRADAS.

ΕΛΛΗΝΟΝ

ΕΛΛΗΝΟΝ

CORDAS QUEBRADAS.

De meus tormentos derradeiros echos,
Meus pobres versos findareis meus cantos!

MONTEIRO.

Sonhei. . . —e lá se foi o extremo sonho!
Do martyrio colhi a negra palma;
Amargoso—qu'importa?—amáva e muito
O sonho de minha alma. . .
Meu Deos,—quanta ventura desmaiada!
Caiu-me a fronte ao peso do passado
—E foi murchar minha florente c'rôa
No sepulcro gelado!
E cen e nuvens,—flores e tormentas,
Prantos e risos,—dores e prazeres. . .
E é tudo assim. . . —e maldicção e anathema
A quem não póde crer. . .

Julguei, Senhor meu Deus, o mundo bello,
A terra um paraizo de delicias
E o futuro um jardim infeitiçado
A me-brotar caricias, . . .
E corri fadigoso pela vida :
E a vida ? . . . — já fugirão-me esperanças !
Rugou-me a face, inregelou-me o peito,
Nem me-restão lembranças ! . . .

II.

Quiz a gloria allucinado,
Quiz ser poeta inspirado.
Como Camões fulgurante.
Suave como Petrarca,
Como não foi nunca Dante.

Quiz ser valente soldado
Por bombardas embalado,
Ver peito d'ago a bater,
Onde bate um coração,
Que sabe amar e soffrer.

Amei o campo da guerra,
Que mil horrores encerra ;
Amei-o todo juncado
De golpeados cadaveres,
— Inda no sangue affogados.

Invejei o estatuario
Pensativo e solitario,
Que vai aos mortos fallar,
E os-ressuscita no mundo
O marmore a cinzelar.

Raphael !. . . — Oh quem me-dera
Ser outr'ora, si eu podera !
Amára uma Fornarina,
Dera-lhe um throno eternal
E uma fama divina.

Amei tudo que era gloria,
Vi o templo da memoria ;
Mas depois de tanto sonho
Despertei no meu deserto
Sempre mau, sempre medonho !

III.

Que mais queres minh'alma ? ! — entre vapores
Não vês sumida a estrella que te-amava ?
— Talvez mais bella ao prantear da noite
Se-esconda agora a sombra de tua lousa
Erguida pela morte !

E o meu sonho?... —lá foi-se desmaiado...
Tudo passou na terra, como a sombra
Entre as raivosas ondas esvaída
Ou como a nevoa adelgaçando a custo
Sopro mimoso e doce
De branda aragem baloiçando purpuras.

Troveja o raio, os furacões sibilão,
Zunindo passa o agoureiro insecto.
Rompe um veu nebuloso o audaz relampago,
Em despenho fatal a catadupa
Estremecendo cae...

Porque tremeste—misero terricola?
Pobre de ti qu'és rei, mas rei dos vermes!
Amolga a pedra os tumidos orgulhos,
As doidas ambições, o inchado sonho
Do mortal desvairado;
Pobre de ti que és rei,—mas rei dos vermes!

IV.

Amores!. . . —eil-os todos ingolidos!
Busquei-os nos sorrisos da alvorada,
Do crepuse'lo fugaz entre os vapores,
Nos arrufos gentis da flor donosa;
Amei-os no clarão da casta lua,
Na sombra pardacenta dos coqueiros,
No sol bruxuleando no occidente,
No ceu,—na terra,—em toda parte,—em tudo.

Quem de mulheres nesta lida insana
Pode crer em seus olhos requebrados,
Tão varios como as vagas do oceano,
Mentidos como o escolho ao navegante?!
Qual de vós com amor sincero e fundo,
N'alma voraz incendio,—o peito em chammas,
Uma vez sobre a terra amor sentira?!
Qual de vós sobre a lagea de um sepulchro,
—Desfeito o laço que o passado atara,
Dobrou joelhos com profunda magua?!
Dizei-me—qual de vós devota e sancta
Verteu lagrima quente de ternura
Em prol da fé jurada em outros tempos?!
Oh nenhuma. . . nenhuma. . . o pranto secca-se,
Ao sol de um dia só nascem as rosas,
Desponta o riso no coral dos labios!
E o cadaver?! . . . em paz dorme no tumulo,
Dormem com elle o delirar feroso,
Férvidas noites prenhes de delicias;
Com elle dormem namoradas fallas,
Sonhos de amor, tão fundos de feitiço,
E mais cêdo immurchessem as lembranças
Que a relva despresada e o goivo triste. . .

V.

Quando pergunto em horas de repouso
Pelas glorias que urdira em outras eras

Nesse louco boiar por mar de enganos,
—Vejo o dedo myrrado do sepulchro,
Vejo o cypreste alçado em chão de morte,
Vejo a campa e a lousa e restos podres,
—E já não creio e vou sentar-me á noite
Na borda dos abysmos, contemplando
O leão furibundo, a juba altiva
Nos ares a ouriçar—a tempestade
Como um corcel nitrindo entre gemidos;
E torreões de nuvens, que no espaço,
Acardumadas se-embatendo em furia,
De inxofrado clarão tingem os ares;
Oíço os trovões, que bramem nas cavernas,
Como em sangrento campo o trom da guerra;
E rio—e folgo e me-embriago alegre!
Agora eis meu festim!—agora apraz-me
Do mar o horror, as nebulas da noite,
As negras lapas onde espumeas vagas
Iradas soltão um mugir do inferno,
Como o touro bravio em campo aberto!

VI.

Adeus—meu sonho... adeus!—e para sempre!
—Tu e eu bem ligeiros passaremos
Sobre a terra dos vivos:
—Tu como um som fugaz que além se-perde,
—Eu como a ave do mar que o mar devora.

VII.

Fraqueja à luz da vida e foge ao longe ;
A lapida se-ergueu. . . —vinde ó mulheres !
Quero ver o alabastro palpitante
Em seio nu, —a dança voluptuosa
Em torno de meu leito e a face pallida
E o languido olhar, que exalta a mente,
E os beijos d'alma, que no corpo expirão,
E balançar-se a virgem no damasco. . .
Quero ouvir o ranger de brancas vestes,
Como as azas de um anjo em vôo aerio,
Pelos salões perdendo-se na turba ;
Quero ouvir esses ais meio afogados
Em labio, que estremece entre suspiros
E o espumoso falerno em taça vitrea ;
—O sangue refluir-me ao peito ardente,
O coração a pulos debater-se
Em braços, que as vigílias descairão ;
E após ebrio, sem luz, sem vida e alma,
Passar da embriaguez ao somno eterno !

Andrada e Silva.



III

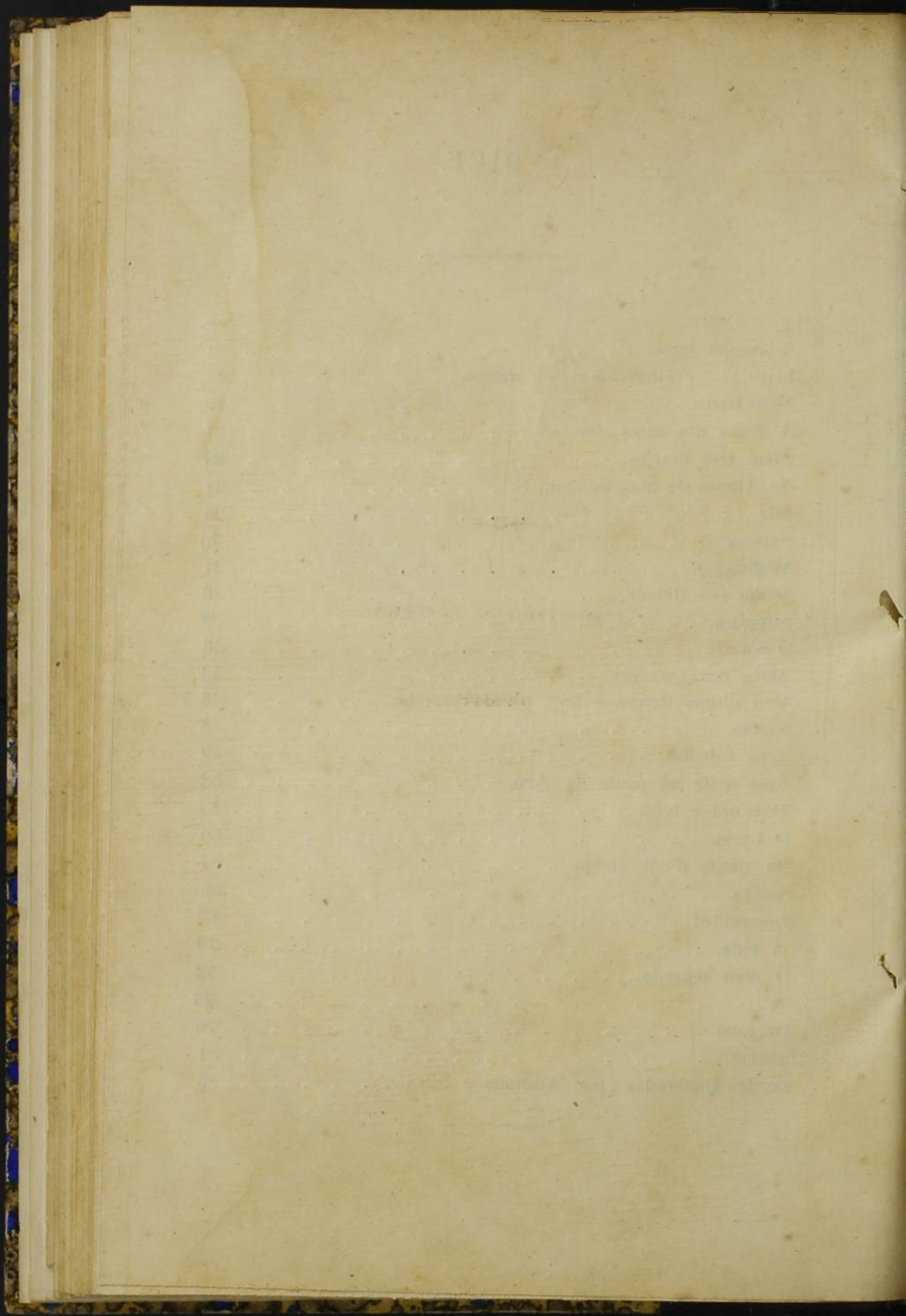
El capuchino a los de su orden no le faltaba
 A la vida de su orden, y a la de su orden
 Ocho y a la de su orden, y a la de su orden
 En su vida no -- a la de su orden, y a la de su orden
 En su vida no le faltaba a la de su orden
 El capuchino a los de su orden no le faltaba
 A la vida de su orden, y a la de su orden
 Ocho y a la de su orden, y a la de su orden
 En su vida no -- a la de su orden, y a la de su orden
 En su vida no le faltaba a la de su orden
 El capuchino a los de su orden no le faltaba
 A la vida de su orden, y a la de su orden
 Ocho y a la de su orden, y a la de su orden
 En su vida no -- a la de su orden, y a la de su orden
 En su vida no le faltaba a la de su orden
 El capuchino a los de su orden no le faltaba
 A la vida de su orden, y a la de su orden
 Ocho y a la de su orden, y a la de su orden
 En su vida no -- a la de su orden, y a la de su orden
 En su vida no le faltaba a la de su orden

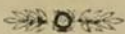
Industria y arte.

1880
 1881
 1882
 1883
 1884
 1885
 1886
 1887
 1888
 1889
 1890

INDICE.

	Pag.
A' minha terra.	9
Feito á... e offerecido a um amigo.. . . .	17
Meo Barco.	19
A Filha dos meos sonhos.	21
Meus tres desejos.. . . .	24
No Album de uma Senhora.. . . .	25
Ella.	26
Soneto.	30
Meditação.	31
Sonho e realidade.. . . .	36
Supplica.	38
O Sol.	40
Meus novos amores.	43
Meu ultimo desejo, e meu ultimo conselho.	46
Soneto.	48
Teus cabellos.	49
Uma noite na ponte do Acú.	52
Outr'ora e hoje.. . . .	57
O Lyrio.	60
No album d'um amigo.	64
Soneto.	66
Innocente!.	67
A vida.	70
O meu segredo.. . . .	72
A'...	73
Oceano.. . . .	76
Soneto.. . . .	81
Cordas Quebradas (por Andrada e Silva).	83





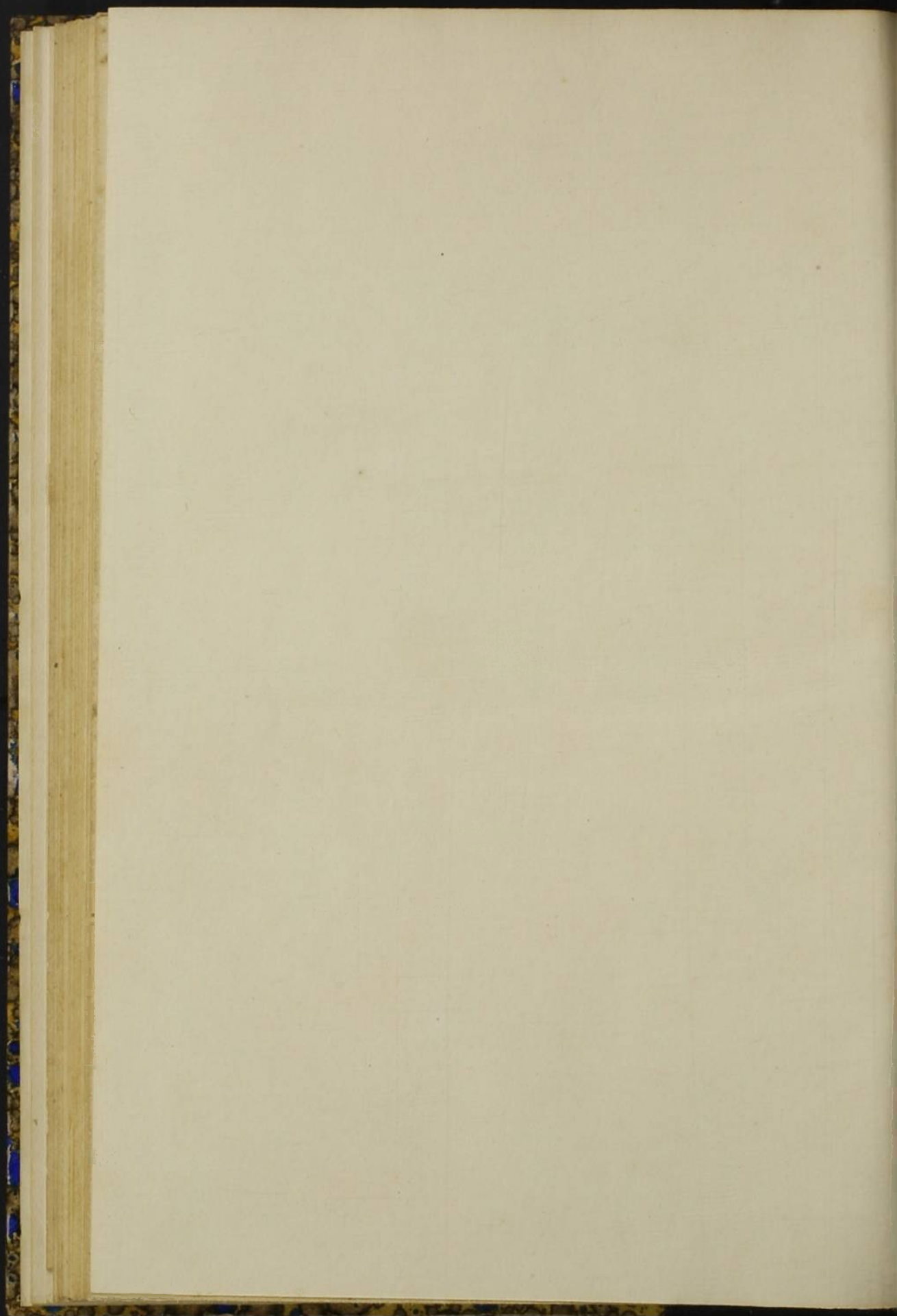
S. PAULO:—1849.

TYPOGRAPHIA DO GOVERNO

—em Palacio.—



1850-1851
T. J. O'Connell
1850-1851
T. J. O'Connell
1850-1851
T. J. O'Connell



001063

